

# «Salém»: à procura de lugares de paz na poesia contemporânea portuguesa

As enciclopédias registam com o nome de Salém pelo menos seis localidades — duas nos Estados Unidos, duas na Índia, uma em Espanha, outra na Alemanha —, mas não é a nenhuma delas que se refere o título da revista. Esse vem apenas sugerido numa sétima acepção contida em remissivo Jerusalém, ou seja, «a cidade de Salém», que é como quem diz «a cidade da paz».

Na própria revista explica-se assim a escolha do título

«A figura de Melquisedech, rei de Salém, está envolto por um mistério impenetrável. Não se conhecem o pai e a mãe, o seu nascimento ou a sua morte. Num mundo pagão e politeísta, a sua figura surge ligada ao culto do Deus único (Sl 110,4, Heb 7,1-28), que se revelaria a Abraão, encetando com os homens uma extraordinária história de amor, em cada dia renovada».

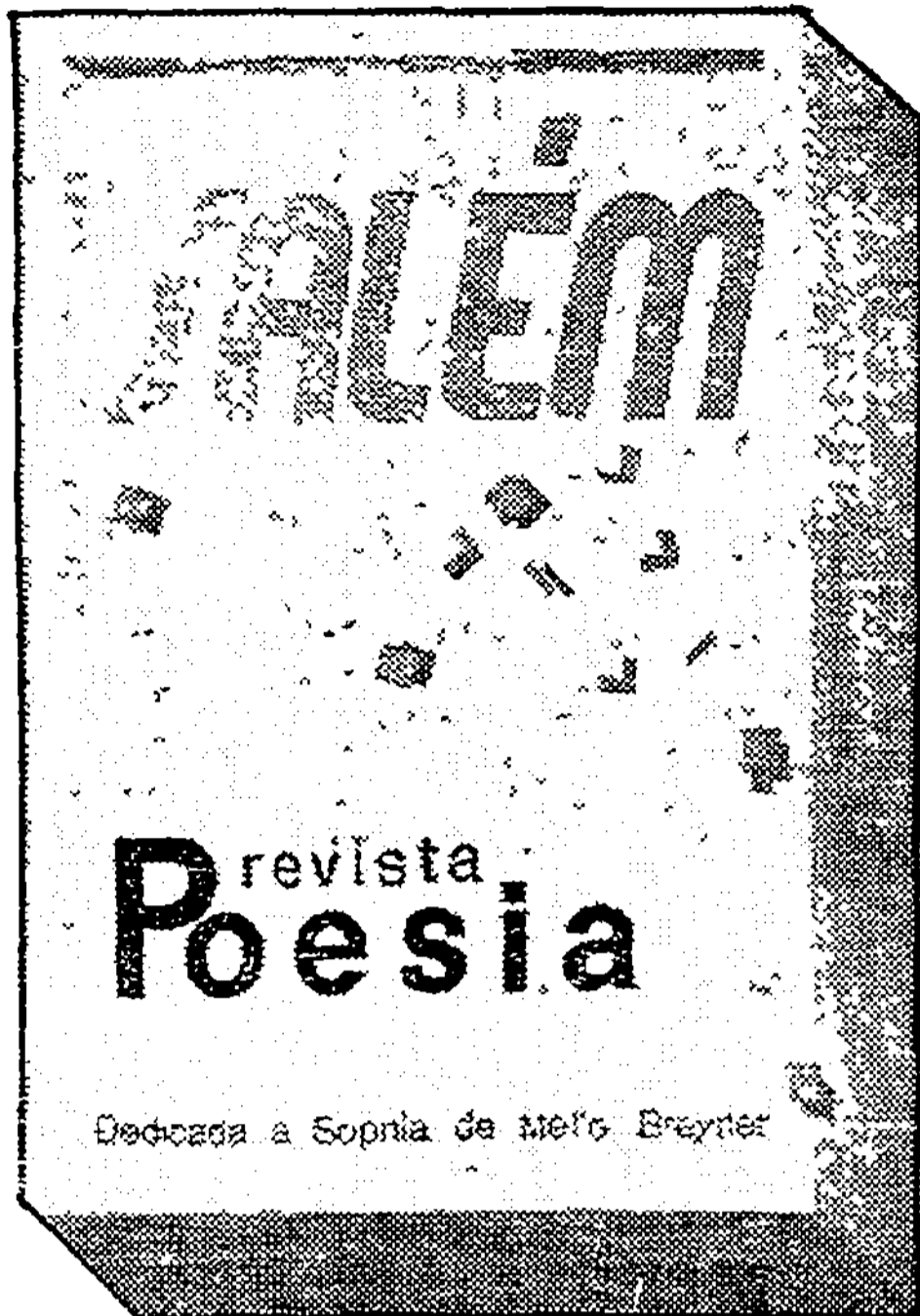
Houve uma manhã em que Ruy Belo teve saudades de Melquisedech e escreveu um poema breve e perfeito sobre o homem. Falou desta terra de que dispomos, da solidão, de os homens juntarem os dias, da vida e da morte, dos anjos e falou também da Alegria sem nome depois de ter dito Salém».

Na conversa que tiveram conosco, Isabel Salvado e Tolentino Mendonça, directores de *Salém*, disseram que a revista pretende ser «uma viagem pela poesia contemporânea, a procura de lugares de paz que exactamente o que quer dizer Salém».

Os leitores habituais do *DN Jovem* não precisam que se lhes apresente a Isabel Salvado e o Tolentino Mendonça. Talvez só revelar que eram dela também alguns textos aqui assinados com Leonor Neto ou I. Leonor Neto S., já que o seu nome completo é Isabel Leonor Neto Salvado, no caso do Tolentino, e maior a dispersão José T. C. Mendonça, André Trieste, Tiago



As capas dos dois primeiros números de «Salém», ainda disponíveis ao preço de 50 e 100 escudos na Universidade Católica e nas livrarias do «Diário de Notícias» e Assírio & Alvim



go Hulsenn, João Hogan e ate, um esporádico Goldwins — tudo para dizer José Tolentino Calaça Mendonça

Resta, para melhor os situarem, lembrar que a Isabel aparece sempre ligada a Castelo Branco e que o Tolentino tanto pode escrever do Funchal ou Machico como de Lisboa. Na realidade, ela é albacastrense, ele madeirense, e frequentam ambos a Universidade Católica Portuguesa, que foi onde se conheceram. De forma a que não foi alheio o *DN Jovem*. A Isabel comprava o nosso jornal às terças-fei-

ras e aproveitava os intervalos das aulas para ir lendo o suplemento. Embora a Isabel seja de Filosofia e o Tolentino de Teologia, cruzavam-se nos recreios e ela reparou no ar interessado com que ele e um outro colega (o Vitor Gonçalves) espreitavam estas páginas. O jornal acabava por circular, e eles, um dia, não esconderam que eram também colaboradores do *DN Jovem*. Estava encontrado um motivo de solidariedade.

Como a Isabel e o Tolentino integravam o Grupo de Animação Cultural da escola, ao lado das sec-

ções de Teatro e Conferências surgiu a de Poesia. As primeiras iniciativas foram a afixação de poemas (fotocópias) nos corredores da Universidade e a organização de um recital, em Dezembro do ano passado, com a leitura de trabalhos incluídos numa antologia de António Salvado intitulada *Anunciação e Natal na Poesia Portuguesa* (entre outros, Amândio César, Jorge de Sena, Miguel Torga, Natércia Freire, José Régio e Gomes Leal).

Mas o sonho da Isabel Salvado e do Tolentino Mendonça era a edição de uma revista, uma folha de

poesia. A oportunidade concretizou-se em Junho deste ano com o apoio da Associação de Estudantes da Faculdade de Teologia. O primeiro número de *Salém* tinha 24 páginas e custou cerca de 12 contos, o segundo, distribuído agora em Novembro, mantém o formato A5, mas inclui já 34 páginas e apresenta uma capa em quadricómia — com o dispêndio de mais três mil escudos (custos relativos, atendendo a que a revista é impressa na própria escola) deu-se a possibilidade de subir de 12 para 19 o número de colaboradoras. Entre estes contam-se alguns nomes bem nossos familiares: Joaquim Cardoso Dias, Gonçalo Maria Forte, Celeste Craveiro, Filipa Ary dos Santos, Teresa Jardim, Vasco Casimiro, Joseph Gouveia de Campos ou Carlos Dias, sem falar naturalmente dos próprios directores. E ainda Amélia Nobre Daniel Batalha, Jose Maria Cardoso Noemia, Paulo Oliveira Jose Roquete e José Conceição (capas).

Em cada número, sempre dedicado a um poeta diferente e de quem se incluem trabalhos inéditos, são convidadas algumas pessoas alheias ao projecto *Salém* para darem o seu testemunho sobre essa figura tutelar ou de algum modo a homenagearem com um texto criativo. No caso do primeiro número, consagrado à memória de Ruy Belo, estiveram nessas circunstâncias Sophia de Mello Breyner Andresen e P. Manuel Clemente, no segundo, sob a égide agora de Sophia, escrevem António Salvado, Carlos Paes e Jose Augusto Mourão.

Ruy Belo em Janeiro e JMF Jorge em Março

A revista vai passar a ser bimensal. O número de Janeiro deverá ter cerca de 50 páginas e será dedicado a Ruy Belo, incluindo uma entrevista com a viúva, Teresa Belo.

A escolha dos epónimos, esclarecem os directores, tem surgido com naturalidade. No caso de Ruy Belo parece tratar-se de uma especial simpatia de Tolentino, que diz «É um dos maiores poetas portugueses do século XX e fala-se tão pouco dele. A sua poesia às vezes é difícil de dizer. Há poemas como o *Homem de palavra(s)* que eu não consigo ler sem uma profunda comoção. Ele define bem o problema do homem contemporâneo a angústia da cidade, a nostalgia de um lugar, de um tempo. Fala dos homens que eu encontro na rua e dá-me o sentido da minha existência, além de que são seus os poemas mais belos que sobre Deus se escreveram em língua portuguesa. Este fascínio por Ruy Belo vem do tempo do meu 10.º ano quando no livro de Filosofia descobri o poema *Aquele grande Rio Eufrates*».

O quarto número, la para Março, será consagrado a João Miguel Fernandes Jorge. Foi a Isabel Salvado quem na nossa conversa avançou o nome. O Tolentino pareceu hesitar quanto a oportunidade da revelação, mas foi ele quem de novo explicou a escolha. «O João Miguel Fernandes Jorge tem da nacionalidade uma ideia muito bonita — a nacionalidade cresce com o sentimento poético. E também gosto muito da forma como ele dá a alternação de dois tempos. Ele sabe captar a essência do outro tempo. No Funchal, onde o entrevistei para o *Jornal da Madeira*, em Setembro passado, por ocasião da Marca (saída de arte) disse-me que se hoje muitas coisas boas já não existem é porque nós não somos dignos delas».

E é assim que *Salém* promete crescer. Uma inconfidência a Isabel e o Tolentino estão a pensar recrutar convite caso a caso novos colaboradores entre os poetas do *DN Jovem*. Boa sorte!

Manuel Dias

## Isabel Salvado e a intuição poética

### Há uma luz no mundo indizível de outra forma

Final de um poeta (António Salvado) e de uma professora que nos dá um olhar também uma apanhada sensibilidade literária (Maria Adelaide Salvado) e natural que a conversa com a Isabel começa por indagar até que ponto radicam na família as origens da sua inclinação para a poesia.

A partir daí o diálogo generaliza-se, com a participação das do Tolentino Mendonça. Mas por razões de espaço e para dar maior unidade à voz da Isabel, vamos reunir num único fio o essencial das suas intervenções, como se de um discurso se tratasse (outro tanto faremos, aqui a direita, em relação às falas do Tolentino).

Creio que foi o quotidiano da minha infância que me despertou para a poesia. Fui educada pelos meus pais no sentido de saber conduzir o olhar para a beleza e sensibilidade das coisas. Lembro-me que passávamos muito nas manhãs de domingo em Castelo Branco. Era como um ritual essa nossa volta a observar as árvores, as folhas, as cores, sentir com agrado o pulsar do vento, o cheiro húmido da terra, aquele frio de neve que tanto nos aquecia. Estou grata a essa vida.

E verdade que os meus pais também escrevem e que desde sempre se inclinaram para a arte, através, por exemplo, do gosto pela leitura ou da apreciação de uma pintura, mas nunca me incentivaram directamente a escrever e por isso sinto que não lhes devo, nesse sentido, e claro, a minha escrita. Devo-lhes, sim, o terem sabido orientar-me para que eu fosse uma pessoa que aprendo as coisas com grande sensibilidade. Além disso, o local onde vivi, Castelo Branco, a minha branca cidade ajustava-se a uma certa necessidade de afastamento que eu sentia, pois a sociedade normalmente é mais impiedosa que solidária. Todo esse ambiente de família e quotidiano contribuíram para o meu gosto pela poesia que, devo dizer, creio que nasceu já comigo.

O meu primeiro poema escrevi-o com 8 anos. Chamava-se «Neve» e ainda o guardo hoje.

Escrevo por instintos. Tenho uma espécie de fonte dentro de mim. Às vezes e preciso esperar que ela brote e essa espera nem sempre é calma, pode ser terrível, às vezes sinto a angústia da ausência da escrita. Mas não sei se morreria se deixasse de escrever, e estou-me a lembrar de Rilke.

Quando sinto a fase fecunda o poema sai facilmente e dá-me um enorme prazer escrever. Não sei se posso falar de inspiração mas é um momento muito próprio. Nunca emendo o que escrevo, salvo raras excepções, sou fiel a uma intuição primeira na escrita. Normalmente escrevo ouvindo música. Há certas músicas que eu considero que me pertencem. São músicas calmas e quando as ouço sinto que é de mim que elas falam. Tem um poema meu por detrás.

Através da escrita procuro dar expressão ao que de luminoso está em mim, ao que me permite habitar de uma forma privilegiada qualquer experiência estética. Há uma luz no mundo indizível de outra forma, não pela poesia. A maioria das pessoas passa pelas coisas sem as ver e passam ao lado de si próprias. É preciso escutar as coisas. Cabe ao poeta essa tarefa de registar o oculto do mundo, da vida.

Escrever é um acto de apego à vida. Os meus poemas são o fruto do meu amor pela vida. Às vezes é um amor doído. Mas tento agora colher da vida tudo



Isabel Salvado, além da colaboração dispersa por jornais, revistas e antologias, tem prontos para publicação dois livros de poesia («A Foz do Rosto» e «A Cor Justa do Azul») e está a trabalhar num volume de contos («Adiar com A Minúsculo»)

de bom que estiver ao meu alcance. Viver por inteiro. Um poema e uma estética. Devo aos meus poemas o sentir-me bem com as coisas belas do mundo e da vida.

Em relação às minhas preferências literárias, não gosto de dizer nomes. Sou tolerante, mas não há nenhum escritor em que goste da obra no total e há bons poetas que o são só por um único poema. As minhas preferências ainda vão para a linha grega antiga, poetas como Safo, Alceu, Arquiloco. Mas houve naturalmente escritores que me marcaram ao longo da minha vida, ainda que isso tenha sido accidental. Lembro-me do José Gomes Ferreira que li aos 12 anos com as *Aventuras do João Sem Medo*, da Sophia de Mello Breyner que é a poetisa que desde cedo me acompanha e cuja *Fada Onana* tanto me impressionou aos 10 anos, do José Régio devido ao seu «Cântico Negro» e «Toada de Portalegre», poemas que ouvi num recital quando tinha 8 anos e que me fizeram sentir uma emoção que ainda hoje não esqueci. Também me lembro da experiência que foi ler *O Príncipezinho*, de Saint-Exupéry, e de como, aos 12 anos, conheci Eugénio de Andrade em Castelo Branco. Foi num Abril cheio de trevas e de poesia. O Eugénio deu um recital com poemas seus, no Museu Tavares Proença Junior de que o meu pai era director e ainda é. Foi um recital muito belo e eu lembro-me que tive uma emoção tão forte que chorei muito.

## Tolentino Mendonça sobre a «angústia da criação»

### Não quero ser escritor quero ser feliz

Em criança passava muito tempo sentado na soleira da porta. A minha casa ficava num sítio elevado e eu olhava. Depois fechava os olhos e tentava ver com os olhos fechados. Era um jogo. E costumava andar com os bolsos cheios de coisas, cromos, berlindes, coisas assim.

Depois, a gente cresce e já não pode andar com os bolsos cheios, e já não pode passar tanto tempo a soleira, então a gente tem que escrever poesia. Primeiro, escreve e mostra depois, escreve e rasga, por fim escreve e às vezes rasga e às vezes mostra. Pessoalmente rasgo mais do que mostro. Para mim os poemas crescem e por isso que os rasgo, para os deixar crescer mas não desisto deles.

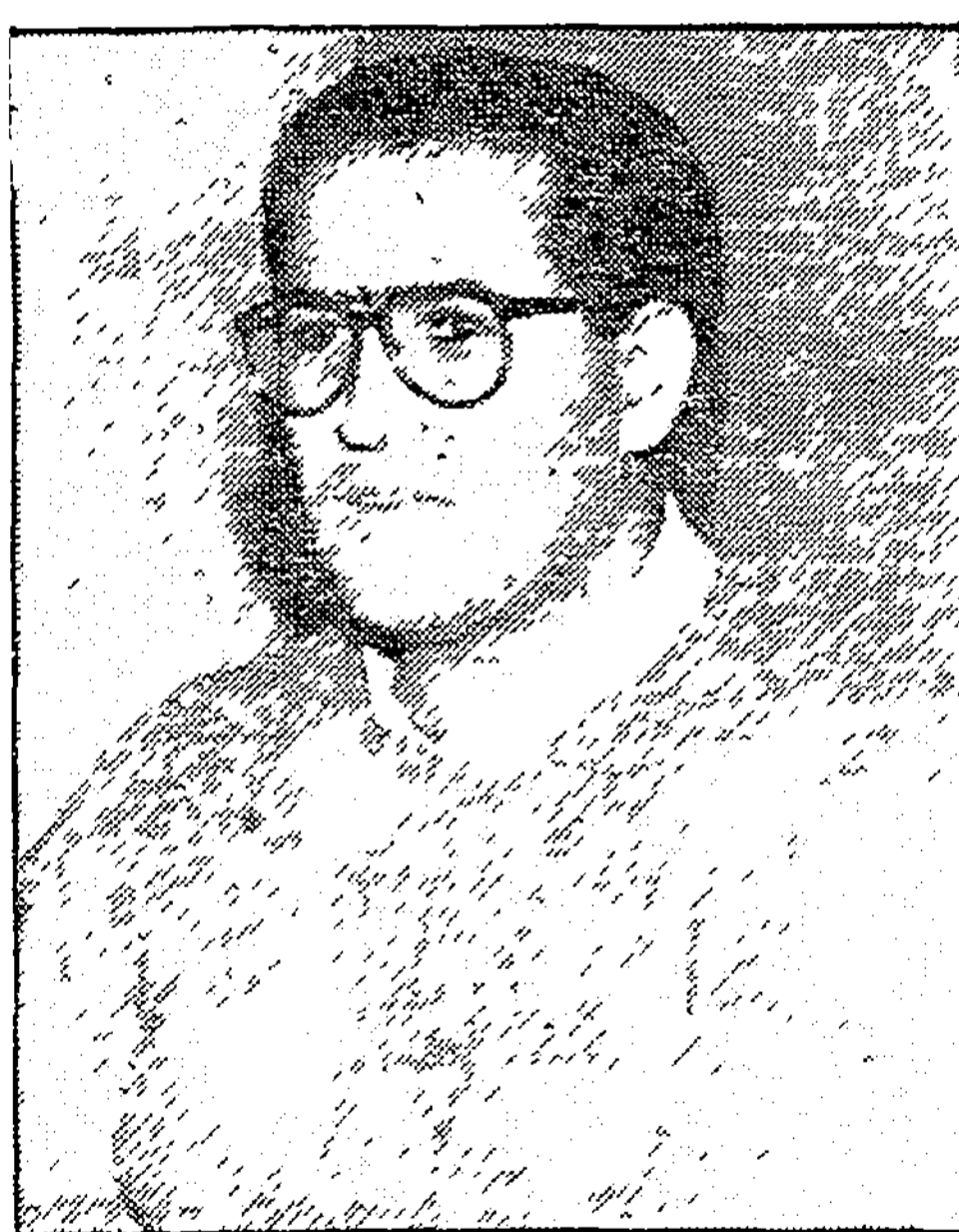
Em regra escrevo pelo menos um poema por semana, mas sou muito vadio. Isso não me preocupa se não escrevo e porque estou ocupado com alguma coisa interessante. Não quero ser escritor quero ser feliz. Não invejo aqueles poetas que precisam da insónia (Al Berto) ou do álcool para poderem escrever, eu escrevo quando estou feliz, e escrevo em qualquer lado, desde que haja silêncio.

Para mim a poesia é uma hospitalidade. Rublev tem um ícone vulgarmente conhecido por «Ícone da Trindade» mas cujo verdadeiro nome é «Hospitalidade de Abraão». E eu acho importante que se diga em relação ao ícone esse nome. Porque a história e a seguinte: Abraão estava, numa tarde de calor, sentado a frente da sua tenda e vê chegar um estrangeiro, corre para ele e diz a Sara que lhe prepare os deveres da hospitalidade, e foi extraordinário porque nesse gesto Abraão foi protagonista de um acto único — recebendo um desconhecido recebeu a Trindade, como explica a Escritura. Acho que os poetas tem o dever da hospitalidade neste tempo de estranheza e correria.

O poeta não escreve por ser mais sábio que os outros, por ser mais iluminado. Escreve porque vê, porque medita as coisas por dentro, porque tem uma alma onde as coisas se vão refugiar. Há dias, numa das conferências do Balanço do Século perguntaram a Aranguren o que tinha ele a dizer sobre este tempo em que vivemos, e ele disse para ir fazer a pergunta aos poetas. E porque os poetas sabem escutar.

Eu aprendo muito com o que vejo e com o que ouço. Gosto de ouvir as pessoas e aprendo com elas muitas coisas úteis. Uma das pessoas mais especiais da minha vida é a minha avó, que tem agora 84 anos. É uma pessoa sábia, de uma sabedoria que cada vez encontro menos. Não sabe escrever o nome dela, mas quando ela fala a gente sabe que vale a pena ouvir, ajuda naquilo que a gente vai fazer. Eu vivi em Angola não havia televisão e o nosso divertimento era ouvir a minha avó contar histórias. As histórias dela duravam dias e semanas, iam passando de um dia para o outro e a gente tinha de se portar bem para poder continuar a ouvir. Era pura fantasia, coisas do arco-da-velha, mas escrito nunca vi coisas tão bonitas.

Devo a minha avó muito do que escrevo embora não renegue a influência do que fui lendo. A Sophia, dos *Contos Exemplares*, o Ruy Belo, como já disse (vide texto sobre *Salém*), o Cinatti que me fascina pela errância (era um nomada no mais puro sentido da pala-



Tolentino Mendonça, além da abreviatura Jose T. C. Mendonça, também assina com os pseudónimos Tiago Hulsenn, André Triestes e João Hogan, nomes escolhidos de um barco, uma cidade, uma pintura. Ou seja o marinheiro do Norte, o meridional errante e o ilheu.

vra), pela invulgar inspiração poética e por uma fragilidade que o tornava humano. O João Miguel Fernandes Jorge, outro dos meus preferidos disse-me que, no fim da vida, do Cinatti, acreditou que ele era um santo. Também devo muito ao Herberto Helder que comeciei a ler por ser madeirense e que agora leio porque às vezes me pergunto se ele e deste mundo. É ao Carlos Drummond d'Andrade, e ao Alberto Caetano, e a Agustina Bessa-Luis, e ao Vergílio Ferreira, e a dois livros que ando sempre a ler, o Livro de Job e o Livro do Profeta Isaías.

Os meus pseudónimos são lugares, são pessoas que eu conheci e que me fizeram bem. São desejos meus. São formas de acolher Tiago Hulsenn — Hulsenn é o nome de um barco finlandês que eu sou vi uma vez acostado na manna do Funchal, foi a consciência que eu tive de que não voltaria a ver aquele barco, mesmo que andasse a percorrer os portos de todo o mundo. André Trieste — Trieste é nome de cidade e a cidade e o lugar onde moram os homens João Hogan — nasceu de um quadro (do pintor homónimo) e da lembrança do meu avô que eu não conheci e que era caçador de baleias. O Hulsenn e o marinheiro do Norte, Trieste o meridional errante (inversissimil) Hogan o ilheu. Tudo isso e o resto sou eu, José Tolentino Mendonça.